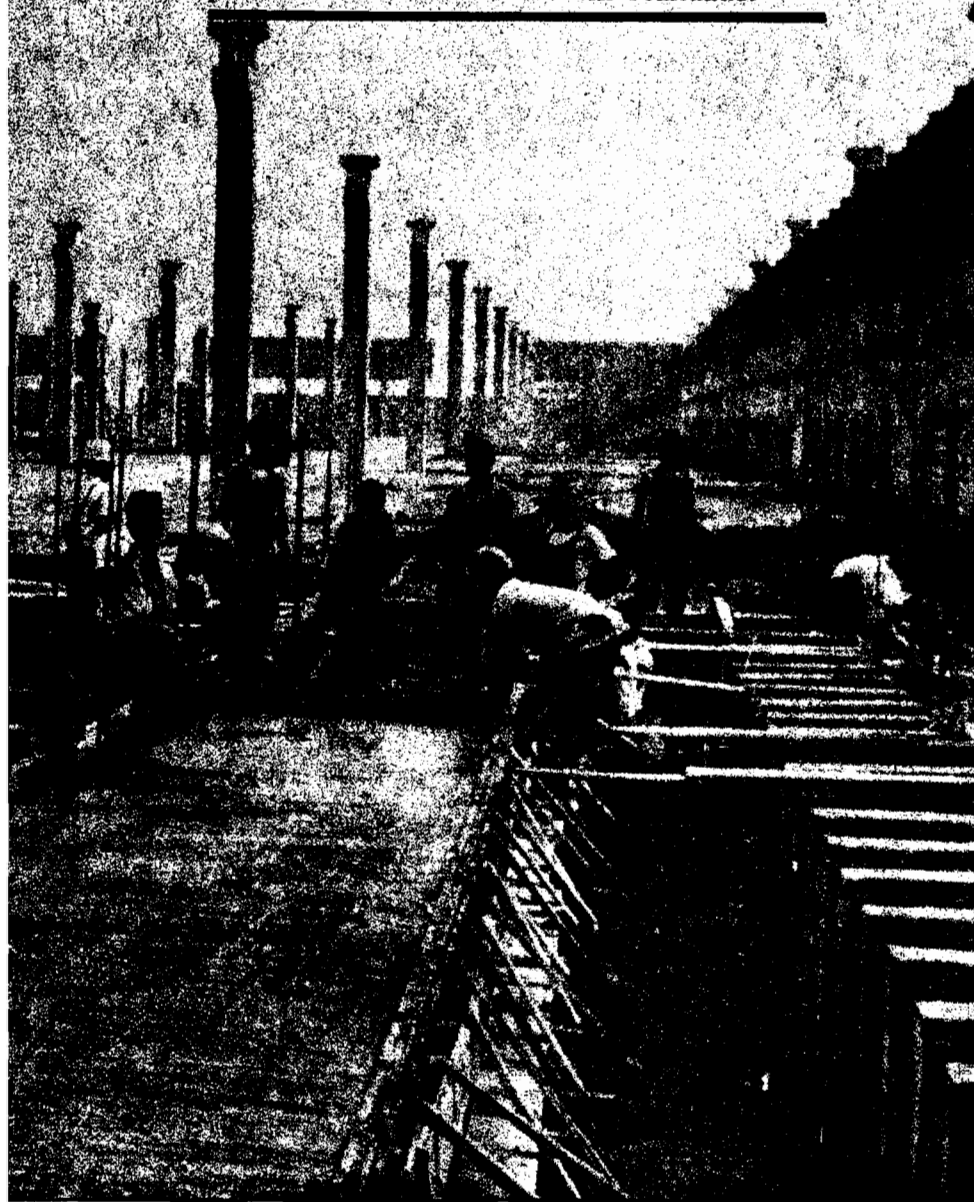


Têxtil de Mocuba:

DESAFIO AMBICIOSO PARA

Três milhares de operários para trinta e quatro milhões de metros de tecido produzido — eis o plano ambicioso da Têxtil de Mocuba que promete mudar a face e os hábitos desta cidade zambeziana.

Para já, apenas as paredes de betão cinzento, as filas intermináveis de caixotes com equipamento, o esforço de homens e máquinas para transformar o sonho em realidade.



Texto de Fernando Lima, exclusivo da AIM para a TEMPO
Fotcs de Kok Nam e Fernando Lima

AGASALHAR O POVO

TEMPO — 23/10/83

cubá circulam diariamente camiões-plataformas carregados de caixotes, ferro e cimento. O destino situa-se a escassos quilómetros para além da ponte que atravessa o rio Licungo.

São os fornecimentos para o maior complexo têxtil de Moçambique, neste momento em bom ritmo de construção.

«Atravessamos agora uma boa fase», são unânimes em declarar os técnicos ligados à obra, lembrando os maus momentos já passados com a falta de materiais para a obra.

DADOS HISTÓRICOS

O projecto da fábrica nasceu de «vontades políticas», dado o excelente relacionamento existente entre Moçambique e a RDA. Em condições favoráveis, a Alemanha Democrática forneceu crédito para o projecto tecnológico, compra de equipamento e assistência técnica, num montante hoje orçado em 32 milhões de dólares.

No projecto propriamente dito, participaram a empresa IPRO-DESSAU (RDA), a SOGEL e a PROJECTA de Moçambique.

Como subfornecedores de equipamento está envolvida a Varimex-Wiffama da Polónia que equipará o complexo com teares no valor de 7,5 milhões de dólares e a Snamprogetti italiana que forneceu o material para o sector de acabamentos, na ordem dos 8,8 milhões de dólares.

A Textima (RDA) fornece o grosso dos equipamentos para além de ter a seu cargo o projecto tecnológico, a assistência técnica, a supervisão e a montagem das máquinas e a formação profissional dos futuros trabalhadores do complexo.

Cinquenta e dois milhões de dólares é a estimativa global orçada para equipamentos e assistência técnica.

A construção civil do complexo foi adjudicada a uma associação de empresas: a Construtora Integral de Sofala (CIS) e a Construções Técnicas de Portugal (CT). A empresa portuguesa domina leoninamente a Associação, dadas as dificuldades da construtora moçambicana com um estágio de desenvolvimento e organização de-

ficiente e gritante falta de quadros para ombrear com os técnicos da CT.

O valor das obras de construção civil está orçado em dois milhões e 400 mil contos, com uma contrapartida em divisas na ordem dos 640 milhões de meticais (16 milhões de dólares), valor destinado a pagamento de serviços e apoio a importações. Dado o sistema de facturação das empreitadas, responsáveis ligados ao empreendimento são da opinião que os custos de construção deverão ser ainda mais onerosos.

Planeado inicialmente para a cidade de Quelimane, o empreendimento foi depois transferido para Mocuba, sendo erigido sensivelmente a 4 quilómetros da cidade, servida por linha de caminho de ferro até ao porto da capital zambeziana.

Não conseguimos apurar as razões concludentes para a localização da fábrica situada na margem do Licungo oposta a Mocuba, tendo-nos sido dito que o levantamento topográfico e a movimentação de terras seriam morosos e com «custos astronómicos» do «lado de cá».

RITMOS DOS TRABALHOS

A opinião de consenso recolhida das várias empresas envolvidas no projecto, aponta um ritmo satisfatório no andamento dos trabalhos.



«Após o IV Congresso o trabalho melhorou muito», refere com satisfação um técnico ligado às obras de construção civil.

Um projecto gigantesco como este envolve cuidados especiais em matéria organizativa, manutenção de equipamentos e fornecimento de sobressalentes e no aprovisionamento de materiais de construção.

Dadas as carências de conjuntura que o País atravessa, as preocupações enfrentadas pelos técnicos têm sido permanentes.

Se havia ferro faltava o cimento, depois era a falta de explosivos para a pedreira, os meios de transportes avariados, etc. Isto quando os trabalhos de construção civil começaram sensivelmente com dois anos de atraso, no segundo trimestre de 1981.

A experiência adquirida e a maior atenção dispensada pelos organismos centrais ao projecto introduziram melhorias palpáveis no aprovisionamento e assistência. Prova sintomática, o facto de dois barcos de cabotagem estarem a funcionar quase integralmente como apoio ao transporte de materiais para Mocuba.

Uma obra que necessita diariamente de 35 toneladas de cimento e 77 metros quadrados de pedra tem efectivamente de merecer particular atenção e aplicação de competências.

DESAFIO AMBICIOSO

Construir o maior projecto fabril moçambicano numa zona sem infra-estruturas e com a degradação evidente dos meios locais é um desafio ambicioso.

A intensificação das acções armadas na Zambézia veio a com-



Joaquim Tembe,
director
do projecto
da Têxtil
de Mocuba



lificação e com falta de mão-de-obra», queixa-se um elemento da CT para depois acrescentar que as carências foram parcialmente resolvidas com a «Operação Produção» que reforçou o quadro de pessoal.

Portugueses são oitenta, entre operários, mestres e engenheiros. Quase todos eles com experiência africana em Angola e Moçambique. Gostam do trabalho lado a lado com os moçambicanos mas acusam o isolamento em que se encontram.

Eles são também os primeiros a reconhecer a melhoria das condições de segurança que se têm vindo a sentir desde Agosto, fruto da acção do novo Comando Militar sediado em Mocuba.

A comunidade alemã não ultrapassa as duas dezenas de técnicos divididos entre a fiscalização, a formação profissional e o apoio ao projecto tecnológico.

Em Janeiro virá o grande contingente quando começarem os trabalhos de montagem.

FASE DOS TRABALHOS

Com o ritmo de trabalho imprimido nos últimos meses os trabalhos de fundação e vigamento dos edifícios está praticamente concluído.

Enquanto não começam a ser assentes as traves de betão dos telhados, são erguidas as paredes de alguns blocos, pois urge ganhar tempo em relação à estação das chuvas.

prometer os meios de transporte e comunicações existentes, criando também factores de instabilidade no seio da força laboral, nomeadamente junto da comunidade estrangeira constituída por técnicos alemães e portugueses.

Dois camiões da CIS-CT foram destruídos em menos de um ano do mesmo modo que o comboio deixou de funcionar com regularidade. Os cortes constantes de energia à cidade da Beira comprometeram os planos de produção

de cimento e canaletes (chapas para a cobertura).

«Se não fosse optimista não estava aqui», declara-me o engenheiro Erhard Thiel, responsável da fiscalização a cargo da empresa IPRO-DESSAU.

A junção de trabalhadores moçambicanos, alemães e portugueses é também um aspecto inovador.

Os moçambicanos, a maior parte da mão-de-obra não qualificada, são cerca de 1800.

António Leitão: «O ritmo actual é promissor»

Gunter Holperl: «A montagem do equipamento vai ser a fase mais delicada»



capacidade de manuseamento de cargas até 40 toneladas. As gruas já estão no local. Falta agora o técnico francês para o adestramento de pessoal moçambicano na operação e manutenção das máquinas.

Engenheiros e responsáveis do GEPTEx (Gabinete de Estudos e Projectos Têxteis), os donos da obra mostram-se confiantes em que se consiga finalizar até ao fim do ano os trabalhos de construção civil nos edifícios do centro

fardos. O centro de formação está concebido como uma fábrica em miniatura. É ali onde se espera formar grande parte da mão-de-obra, indispensável ao funcionamento do complexo têxtil.

Os armazéns guardarão os equipamentos mais sensíveis que entretanto já começaram a chegar, acumulando-se nos terrenos em redor do complexo.

A estimativa para a conclusão das obras de construção civil aponta para Dezembro de 1985. A montagem das últimas linhas do sector de fiacção está inscrita nos mapas de prazos para Agosto de 1986. Mas em Dezembro de 1985 poderão já estar em funcionamento 3 linhas de fiacção e 2 linhas de tecelagem.

PARCEIROS PRONUNCIAM-SE

Para António Leitão, um dos engenheiros supervisores das Construções Técnicas, se o forne-

Ao lado: Operários portugueses lado a lado com os moçambicanos: «Os portugueses não têm medo de sujar as mãos»

Em baixo: Estaleiros para a moldagem das vigas de betão

dos poderão ser cumpridos.

Numa batalha contra o tempo, os trabalhadores da construção civil fazem horários reforçados, laborando ao sábado à tarde e fazendo uma hora de trabalho extra diariamente.

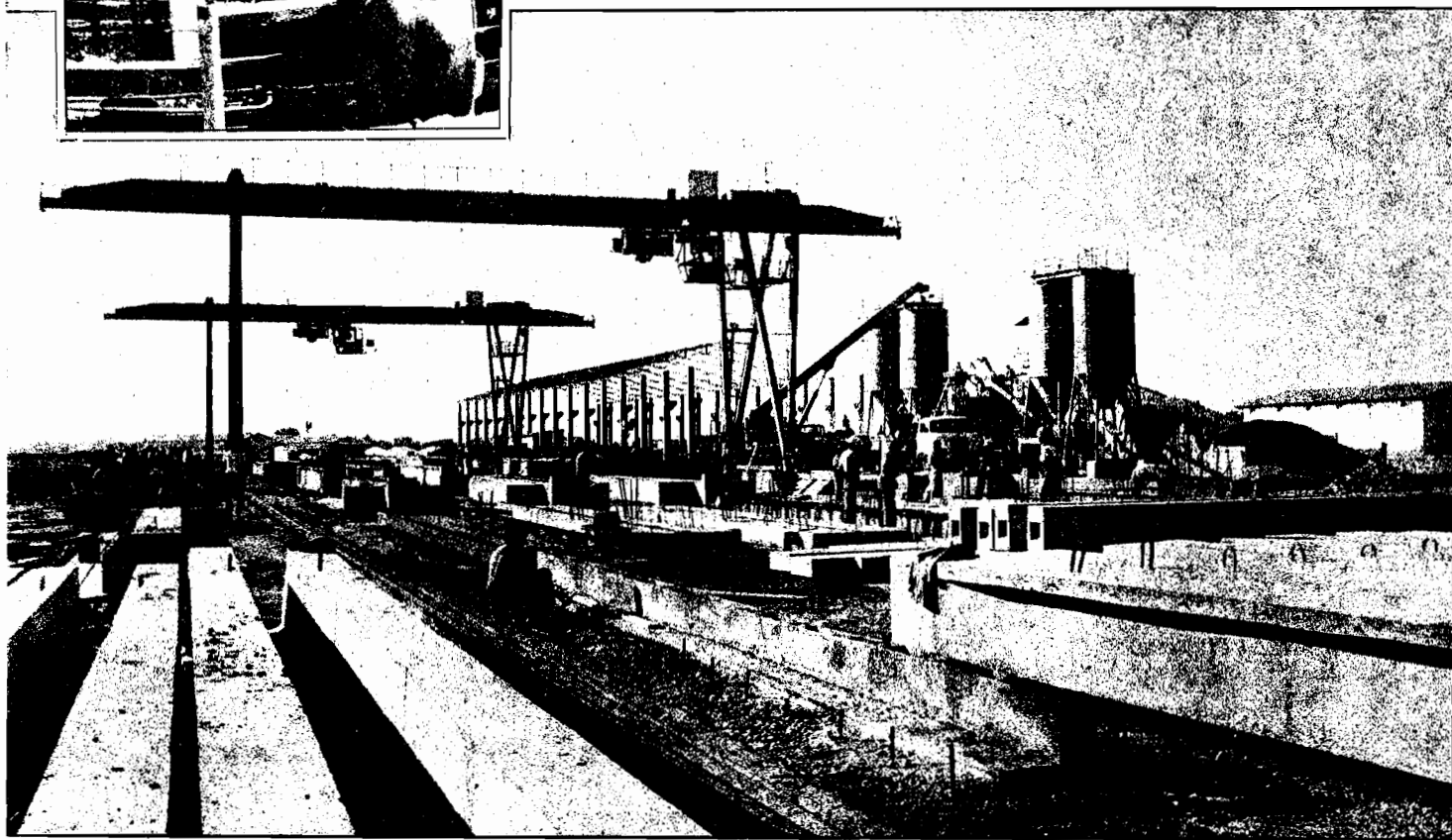
Trata-se de ganhar o tempo perdido e finalizar alguns trabalhos fundamentais antes da estação das chuvas que se avizinha.

Dificuldades no abastecimento alimentar originam graus de absentismo elevado aos sábados à tarde, dia reservado às bichas para compra de comida.

Aliás o problema do abastecimento levou a CT a abrir uma área reservada ao cultivo de hortícolas, criação de patos, galinhas e porcos e uma pequena manada de gado bovino. Este empreendimento é reservado à comunidade portuguesa.

Para os trabalhadores moçambicanos foi aberta uma machamba de milho.

Os técnicos portugueses revelam uma capacidade notável de adaptação às condições existentes — «não têm problemas em sujar as





Erhard Thiel: «Estamos preocupados em garantir o rigor e a qualidade»

mãos e são mestres na arte de desenrascar» — diz deles um colega moçambicano.

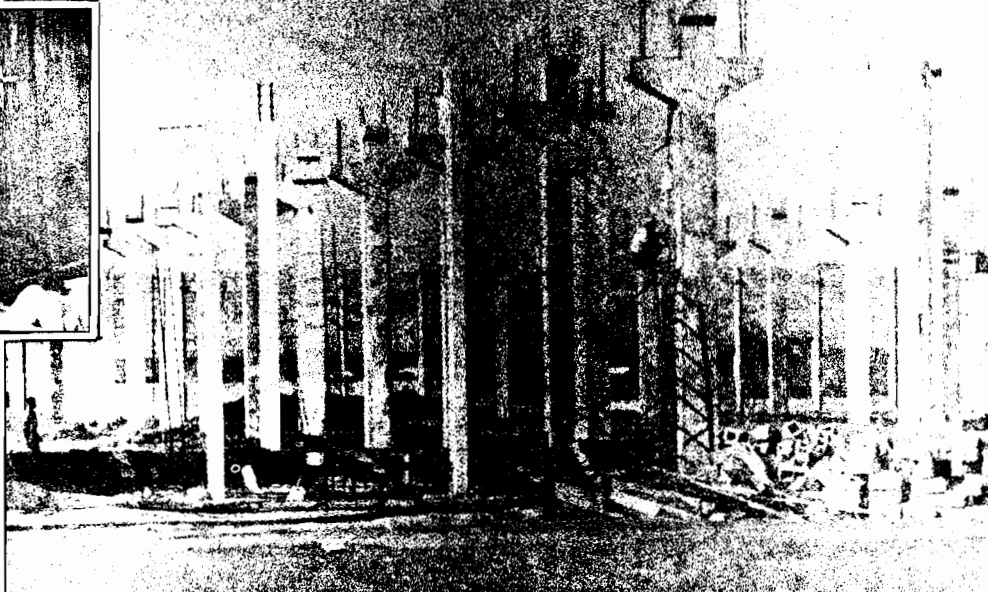
Um dos problemas colocados pelo engenheiro-chefe da fiscalização, Erhard Thiel foi o do começo tardio das suas funções — apenas em Outubro de 1982.

A IPRO-DESSAU no âmbito da fiscalização tem a seu cargo o controlo de qualidade, o controlo dos prazos e o controlo dos cálculos de facturação.

Muito exigente no seu trabalho, o engenheiro Thiel dá particular ênfase aos aspectos de qualidade.

«Como comunistas preocupamos as vidas dos trabalhadores e por isso insistimos na qualidade», refere o engenheiro alemão depois de manifestar a sua preocupação em relação aos aços a utilizar nas traves de betão dos edifícios.

É com mágoa que o engenheiro



Vigas de betão de um dos edifícios principais. A espera da grua para a colocação das traves horizontais

alemão refere o facto de não haver nenhum engenheiro moçambicano a acompanhar a construção da fábrica. Gunter Holperl é o engenheiro-chefe da equipa da TEXTIMA a braços com a arrancada da montagem do equipamento.

Para já formam-se ajudantes de serralheiro e electricistas e os próprios professores do centro de formação.

Holperl considera que o trabalho de montagem vai ser extremamente complexo e delicado. Na RDA não existe um complexo

têxtil integrado com dimensão semelhante. Há também a possibilidade de alguns acessórios estarem já deteriorados, questão para que o responsável da TEXTIMA tem como única alternativa nova importação quando tal se verificar.

A gestão do projecto está a cargo de Joaquim Tembe, antigo técnico qualificado da TEXTLOM.

Como «patrão» da obra é a partir do GEPTEX que são coordenadas e controladas as várias acções em curso.

O GEPTEX está envolvido em

Central para fabricação de betão: 35 toneladas de cimento como consumo diário





Preparação dos moldes para a fatura das vigas de betão

questões de equipamento, transportes, formação profissional e até mesmo problemas relacionados com as condições de vida da comunidade cooperante.

Por isso, a localização da sua direcção em Mocuba e não em Maputo.

É Joaquim Tembe que nos fornece a maior parte dos dados sobre o complexo. Tal como os seus contrapartes estrangeiros tam-

bém ele está optimista em que os trabalhos mantenham o ritmo actual.

Menos satisfeitos estão os jovens técnicos moçambicanos formados na RDA, que desde o início do ano se encontram em Mocuba.

Condições de trabalho pouco concretas e dificuldades de alojamento e alimentação estão também na base do desencantamen-

to dos jovens, habituados às condições proporcionadas na RDA durante a sua formação.

Um pormenor adicional. Mocuba não é Maputo nem tem hábitos de grandes «farras» ao sábado à noite como começa a tornar-se hábito urbano na capital.

Mas talvez num futuro próximo isso venha a acontecer também em Mocuba.

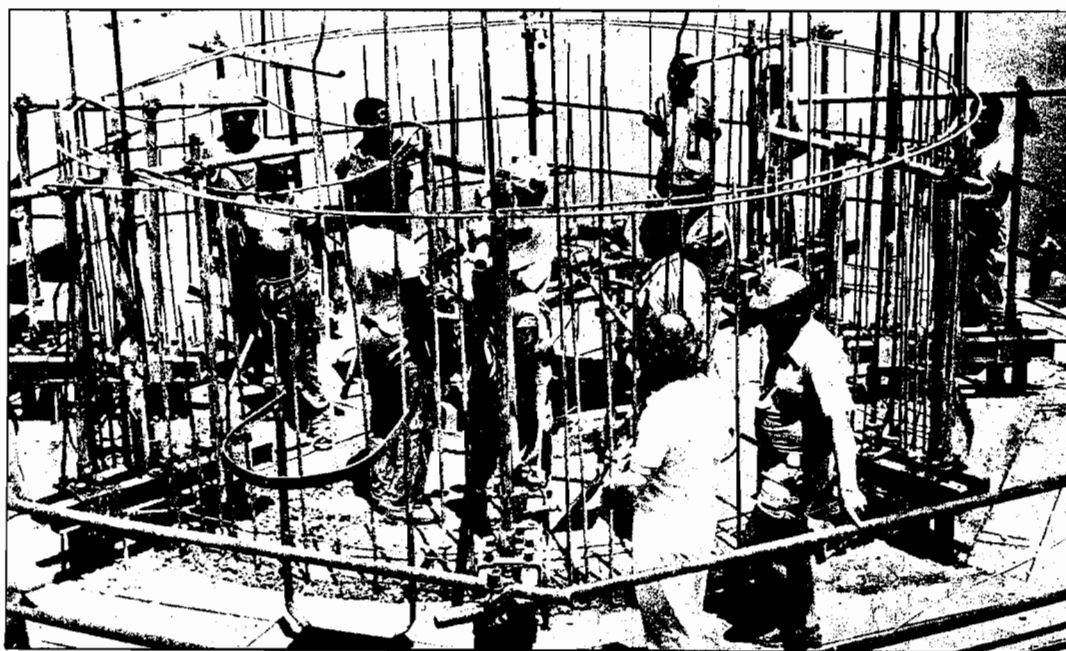
GIGANTE DO FUTURO

A «Têxtil de Mocuba» em plena laboração aumentará a capacidade do sector têxtil nacional em 75 por cento. O complexo fabril dará emprego a 2 500 trabalhadores, número que poderá crescer até aos 3 milhares.

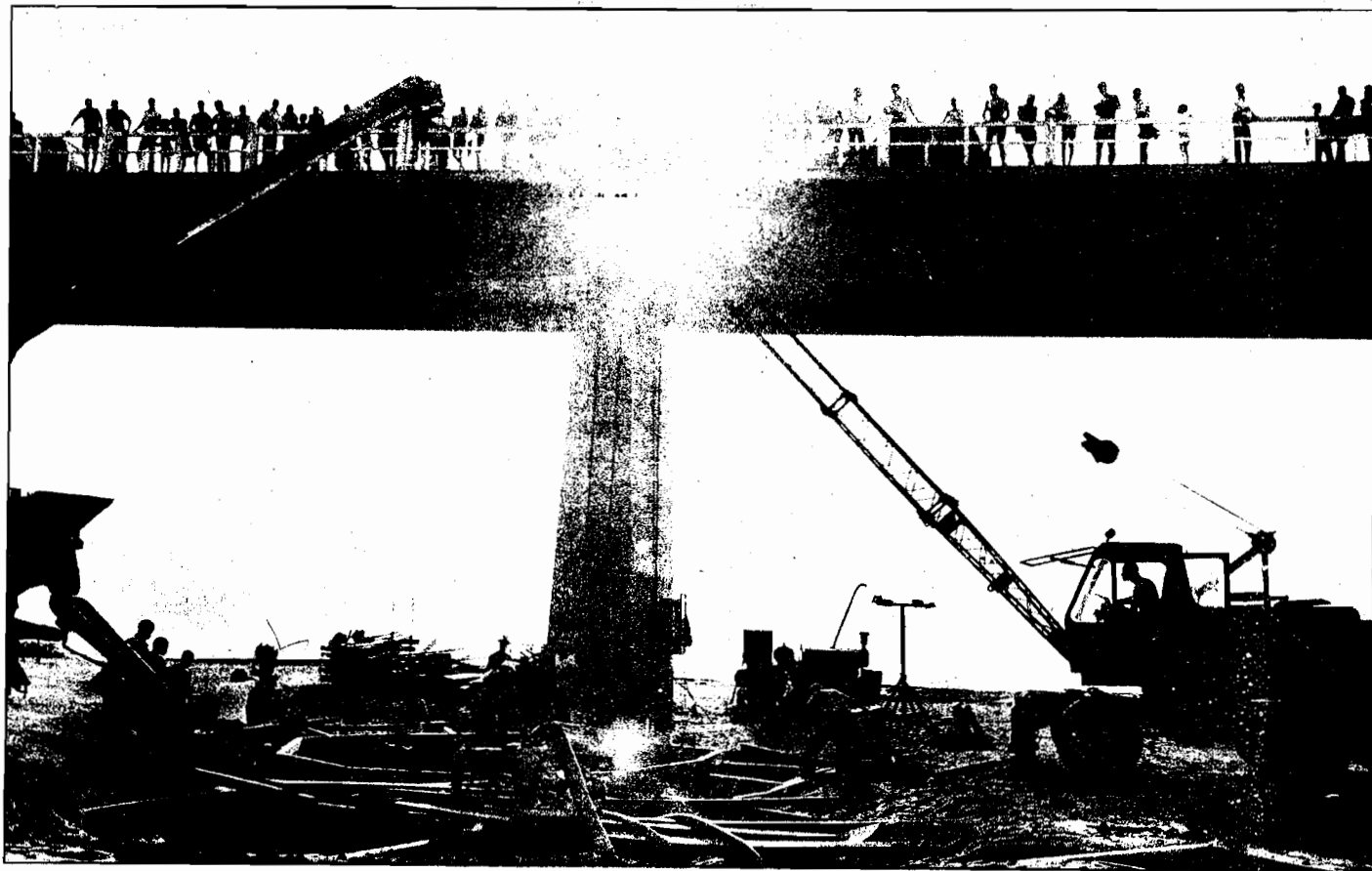
52 mil fusos e 794 teares trabalharão 24 horas diárias enquanto o sector de tinturaria e acabamentos terá dois turnos (16 horas).

A fábrica consumirá 9000 toneladas de algodão e 2 mil de fibra polyester para uma produção anual de 34,6 milhões de metros quadrados de tecido.

A fábrica produzirá sarjas, ga-



Mão-de-obra para a construção civil recrutada no campo



Numa cidade com tão poucos divertimentos a edificação de um novo empreendimento é motivo de interesse e curiosidade

bardines, gangas (tipo jeans) e intertela para acabamentos.

Para assegurar a sua gestão são necessários 30 quadros superiores e igual número de quadros médios, a formar preferencialmente na RDA.

Como demonstrativo da sua grandeza significativos são também os consumos de água e energia: 320 m³ hora e 25 MVA, respectivamente.

A área do complexo abrange 102 mil metros quadrados. O edifício da fiação e tecelagem ocupa o maior espaço, com 56 mil metros quadrados, qualquer coisa como três campos de futebol.

Este «monstro» de ferro e aço consumirá 38 600 toneladas de cimento, 3200 toneladas de aço, 20 mil canaletes Brasil (chapas de cobertura).

Para além dos edifícios fabris, o complexo comporta uma cre-

che para os filhos do pessoal, uma cozinha e refeitório e um campo de jogos polivalente.

MUDAR A FACE DE MOCUBA

A afluência de três milhares de trabalhadores e suas famílias a Mocuba vai certamente alterar os hábitos pacatos desta cidade entroncamento da Zambézia. Será preciso criar novas habitações, mas também centros de recreio e divertimento.

Por isso a preocupação de construir 2 400 fogos habitacionais para responder às exigências de novos moradores para Mocuba. O projecto ainda está no papel, mas continua a ser encarado seriamente, dadas as experiências algo dramáticas que se repetem em todo o País com a falta de habitação.

Para já a construção de 115 moradias e um motel de 40 quar-

tos integrados no actual projecto. Sessenta já estão construídas, devendo ser 82 até ao final do ano. Do motel percebe-se o esqueleto em cimento e betão.

Como projecto integrado será também melhorado o sistema de abastecimento de água. Uma torre de captação foi concluída no leito do rio Licungo, fazendo-se agora as fundações para a estação de tratamento — água para a fábrica, água para a cidade, que este ano, uma vez mais, sentiu as insuficiências do sistema implantado no rio Lugela.

Em maré de pequenos projectos, Mocuba avança como grande empreendimento, desafiando a capacidade dos homens.

Vestir a população é o objectivo, que nesta província, parece mais prioridade que o agasalho da boca e do estômago. □